

TRADIÇÃO E MODERNIDADE NA OBRA DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA*

JÚLIA MATOS**

RESUMO

Sérgio Buarque de Holanda é considerado um dos maiores historiadores do nosso tempo, e sua obra, principalmente *Raízes do Brasil*, em seu conjunto, tornou-se referência na historiografia nacional. No entanto, Buarque de Holanda, ao produzir *Raízes do Brasil*, não se propôs fazer um livro de história, mas uma obra que dialogasse com seu tempo e problemas sociais, fazendo, assim, uma história do tempo presente.

PALAVRAS-CHAVE: Brasil, nacionalismo, historiografia.

ABSTRACT

Sérgio Buarque de Holanda is considered one of the greatest historians of our time. His works, mainly *Raízes do Brasil*, became reference in the national historiography. However, he proposed more than a history book, since he achieved a work that dialogued with his time and social problems, a history of present time.

KEY WORD: Brazil, Nationalism, historiography.

O Brasil futuro não vai ser o que os velhos historiadores disseram e os de hoje ainda repetem. (...) Por mais que os percevejos, os morcegos e a fauna inteira da mediocridade se agite, o que fica, o de que o futuro toma conhecimento, é o que os gênios querem.

Monteiro Lobato

Os anos 20 e 30 do século XX foram anos de transformações no Brasil, não somente na política, também na sociedade, na cultura e,

* Este texto é parte da dissertação que estamos escrevendo, intitulada *Sérgio Buarque de Holanda: um historiador do tempo presente*, sob a orientação do Prof. Dr. Moacyr Flores – PUCRS, Programa de Pós-graduação *strictu sensu* em História das Sociedades Ibero-Americanas.

** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História das Sociedades Ibero-Americanas, participante do Grupo de Pesquisa Odisséia e membro efetivo do CIPEL, Círculo de Pesquisas Literárias. E-mail: julmatos@universiabrasil.net

principalmente, nas mentalidades. É neste processo de transformação das estruturas mentais que surgiu *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda. Muito mais do que uma obra de síntese da História do Brasil ela se apresenta como um estudo quase psicológico da sociedade brasileira, além de todas as críticas internas que carrega sobre as estruturas sociais e políticas do Brasil. Esta obra representa a ansiedade dos intelectuais e da sociedade em entender-se enquanto brasileiros, ver-se, julgar-se, narrar-se, definir quem realmente são.

Em 1982 morreu Sérgio Buarque de Holanda. Após a sua morte, foi grande o movimento que se formou em torno de sua obra. Mais do que nunca diversos intelectuais, como ex-alunos, amigos e admiradores, debruçaram-se em uma análise historiográfica de *Raízes do Brasil*, assim como de outros de seus livros. A maioria desses intelectuais entendeu que *Raízes do Brasil* é um dos trabalhos que “registram expressivas mudanças no pensamento social brasileiro, e que, ao lado de outras transformações sociais, políticas e econômicas, conferem enorme riqueza e significado histórico à década de 1930”¹, e por isso merece maior atenção.

Logo que publicado, *Raízes do Brasil* já foi um sucesso, e diversos amigos como Mário de Andrade elogiaram Sérgio Buarque de Holanda por seu trabalho. No decorrer dos anos, tornou-se um clássico e foram inúmeras suas edições. Assim, entendemos que o sentido dessa obra não foi obscuro aos leitores dos anos de 1930, pelo contrário, o sucesso da obra comprova isto.

Maria Odila Leite da Silva Dias afirma: “Sérgio Buarque de Holanda foi um pioneiro deste modo de desvendar o passado dentro de um prisma engajado, que visava uma redefinição do político, a preeminência do social e as possibilidades de transformação da sociedade brasileira”². Sua dupla trajetória literária e histórica possibilitou uma originalidade própria de Sérgio Buarque. Comparado com outros intelectuais brasileiros, ele se destaca por inovação dos métodos de pesquisa históricos no país.

Graças à sua obra, escrita entre as décadas de 1930 e 1970, a historiografia brasileira pôde transcender esquadrinhamentos de formação do Estado nacional e descortinar diferenças. Grupos sociais “outros” apareciam, cortado, ainda inseridos numa perspectiva globalizante, vistos como desordeiros ou subordinados ao todo da nação, do poder, da ordem dominante. (...) Ao desvendar deste modo o sincrônico e o diacrônico, apegado à elaboração dos diferentes ritmos de tempo, Sérgio Buarque de Holanda abriu o caminho da historiografia

¹ VELOZO; MADEIRA, 1999, p.135.

² DIAS, 1998, p. 18.

social e da cultura para a noção da pluralidade de sujeitos e de múltiplas temporalidades.³

Raízes do Brasil, além de ser uma obra de história, é uma obra de arte, que, conforme Antônio Cândido Mello e Souza⁴, não pode ser explicada apenas por seu contexto, mas pelo conjunto de fatores sociais e psíquicos que são decisivos para a análise literária.

Neste artigo, apresentamos, de forma comparativa, nossa análise da “herança rural”, ou melhor “herança intelectual”, de Sérgio Buarque de Holanda. Procuramos trazer à cena as raízes dos conceitos criados por Sérgio Buarque, assim como as permanências em sua argumentação de muitas idéias, às vezes condenadas por ele mesmo em *Raízes do Brasil*. Neste trabalho, perseguimos a trajetória de vida do historiador, ao mesmo tempo que comparamos seus conceitos e idéias aos trabalhos clássicos publicados entre as primeiras décadas do século XX.

Sérgio Buarque de Holanda nasceu em 1902, na cidade de São Paulo, apenas treze anos após a Proclamação da República, em meio à virada do século. Aqueles primeiros anos da jovem República receberam inúmeras publicações voltadas à discussão da raça brasileira, belezas naturais, cultura e sentimento nacional, como as obras *Por que me ufano de meu país*, de Afonso Celso, publicada em 1900, *Festas e tradições populares do Brasil*, de Alexandre José Mello Moraes Filho, publicada completa em 1901, e *Os sertões*, de Euclides da Cunha, publicada em 1902, como veremos mais adiante. Estes foram anos de construção da imagem nacional brasileira. O Estado nacional, desde a Proclamação da Independência, procurou construir uma imagem de nação forte e unificada, através da história e dos feitos de heróis brasileiros, na tentativa de despertar os sentimentos de nacionalismo e patriotismo no povo.

coube então aos intelectuais e políticos, desta primeira geração nacionalista, combinarem o realismo e o idealismo para traçarem o rumo que o nacionalismo deveria seguir, estabelecendo seus padrões e indicando suas direções. Suas tarefas estavam em formular uma ideologia para o nacionalismo, criar uma nova mentalidade cultural, histórica, sociológica, política e antropológica da realidade brasileira.⁵

Segundo o historiador francês Lucien Febvre, o orgulho de um passado majestoso desperta no povo os sentimentos de patriotismo e

³ Id., *ibid.*, p. 21.

⁴ CÂNDIDO, 2000, p. 13.

⁵ TORRES, 1999, p. 17.

nacionalismo. Um povo patriótico é fiel a sua nação, fortalecendo a hegemonia do estado. Como podemos observar, esta era uma grande preocupação para a intelectualidade brasileira, pois o Brasil era um país formado por diversas etnias, principalmente após a grande onda de imigração, que acabou gerando “quistos” étnicos no interior do país, o que impedia uma uniformidade identitária.

Desta forma, vemos como no final do século XIX e início do XX os Estados, para se fortalecerem, precisavam homogeneizar o povo, construir, assim, suas nações. Na Europa, desde as últimas décadas do XIX, a nação era o assunto entre os principais debates.⁶

O Estado precisava de algo mais do que a passividade de seus cidadãos: precisava mobilizá-los e influenciá-los a seu favor. Precisava de uma “religião cívica”, o patriotismo. Dessa maneira a definição da nação pelo território, pela conquista e pela demografia já não bastava, mesmo porque, além das lutas sociais internas, regiões que não haviam preenchido os critérios do ‘princípio de nacionalidade’ lutavam para ser reconhecidas como Estados-nações independentes. Durante o período de 1880-1918, a “religião cívica” transforma o patriotismo em nacionalismo, isto é, o patriotismo se torna estatal, reforçado com sentimentos e símbolos de uma comunidade imaginária cuja tradição começa a ser inventada.⁷

Este movimento de idéias sobre nacionalismo, fluente na Europa, atingiu o Brasil, que se enquadrava entre as regiões “que não haviam preenchido os critérios do ‘princípio de nacionalidade’”, estabelecidos por economistas alemães⁸, apesar de ser um Estado-nação reconhecido internacionalmente. No final do século XIX, houve um despertar nacionalista no Brasil, uma espécie de reação às crises internas do Império, à Guerra do Paraguai, à abolição da escravatura e, por fim, à queda da Monarquia⁹. Nesse momento o país apresentava-se mais receptivo ao projeto de construção do sentimento nacional do que em décadas anteriores¹⁰. E assim, “A base para o estabelecimento de uma consciência nacional crescia, pelo menos entre os mais instruídos”.¹¹

A nação poderia ser construída pela ação do Estado em juntar as pessoas, pela exaltação de falarem o mesmo idioma e possuírem as mesmas origens. “A homogeneidade do povo de cada país é construída.

⁶ CHAUI, 2001, p. 18.

⁷ Id., *ibid.*, p. 18.

⁸ Id., *ibid.*, p. 17.

⁹ COSTA, 1979.

¹⁰ LAUERHASS JR., 1986, p. 35.

¹¹ TORRES, 1999, p. 16.

O Estado passa a agir para ajuntar estas pessoas em um povo que se sente unificado por origens comuns, para falar uma língua comum, aprende uma história comum¹². No entanto, estes eram atributos que o Brasil não possuía. Um país colonizado por diversas nações, com idiomas e hábitos diferentes, não tinha uniformidade. Num período de crise, essa ausência de patriotismo enfraquecia o estado, pois a população brasileira nesse período tinha esse sentimento em relação às suas pátrias-mães, sentimento transmitido às gerações nascidas no Brasil. Desta forma,

Um número cada vez maior de brasileiros se sentia vinculado ao progresso do país e ao esforço econômico, político e social, em prol de um futuro melhor. Instigada pela premência dos problemas locais e estimulada pelo afluxo de idéias vindas da Europa, a vida intelectual brasileira chegou, na década de 1890, a um ritmo jamais alcançado antes, e expandiu-se num movimento cultural que, embora lhe faltasse uma direção claramente definida, se mostrou cada vez mais aberta às realidades históricas e presentes no Brasil.¹³

Diante desta realidade surgem obras como a de Afonso Celso, voltada para o trabalho de construção da nossa identidade. Em *Por que me ufano de meu país*, Afonso Celso procurou aguçar e despertar o sentimento nacionalista, descreveu a pátria com orgulho, elogiando o povo, exaltando a natureza e algumas figuras como D. Pedro II e a princesa Isabel. Esta obra, segundo Dante Moreira Leite¹⁴, agiu diretamente nesta construção da identidade nacional. *Por que me ufano de meu país* foi indicada e utilizada nas séries iniciais do ensino fundamental, desde a quarta série primária, como leitura obrigatória, com o intuito de formar a identidade nacional desde a infância, através do orgulho pela pátria Brasil. Moreira Leite criticou esta obra por considerar seu conteúdo contrário à realidade do período. Ele acusou Afonso Celso de enaltecer exacerbadamente as riquezas nacionais.

A publicação de *Por que me ufano de meu país* se deu por ocasião do quarto centenário do descobrimento do Brasil. Essa obra teve enorme sucesso, tendo em 1944 sua 12ª edição publicada. Em 1997, João de Scatimburgo, que ocupava a cadeira de Afonso Celso na Academia Brasileira de Letras, solicitou sua reimpressão. Lastimava por esta obra ter caído no esquecimento, sendo para ele de muita utilidade para as novas gerações como um “breviário de patriotismo”. Essa obra

¹² OLIVEIRA, 1998, p. 186.

¹³ TORRES, 1999, p. 17.

¹⁴ LEITE, 1983.

foi produzida em um período de intensa crise da sociedade brasileira.

quando escreve *Por que me ufano de meu país*, Afonso Celso tem diante de si a crise dos pilares em que se assentava a estrutura da sociedade brasileira, isto é, a grande propriedade territorial e a escravatura, crise que abalou a monarquia e conduziu à república, estimulou o início da urbanização e a imigração. Mas tem também diante de si a crise que perpassa a chamada República Velha e que aparece sob a forma de lutas internas entre as camadas dominantes – monarquistas lusófilos e jacobinos lusófilos, liberais e conservadores, liberais e positivistas, civilistas e militaristas, agraristas-exportadores (que designavam a si mesmos como “as forças vivas da nação” e eram designados pelos inimigos como “classe parasita lucrativa”) e industrialistas-especuladores (que Rui Barbosa convoca para a construção de uma democracia do trabalho industrial, laboriosa e robusta), cafeicultores do Vale do Paraíba (reagindo furiosamente às consequências econômicas da Abolição em 1888) e do oeste paulista (investindo na imigração), defensores da centralização do poder e federalistas (federalistas sendo aqueles que defendiam a autonomia dos estados para fazer empréstimo no estrangeiro e que maior parcela da tributação permanecesse no próprio estado, sem ser transferida para a União)¹⁵.

Nesse momento de crise, o governo investiu na formação da imagem nacional através da história. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro tinha sua tradição historiográfica influenciada pela escola alemã. Seu trabalho foi em torno do “espírito do povo”, determinado pela raça e pela língua, como um “princípio de nacionalidade”, definida pelo território e pela demografia, com uma visão determinista, “Tradição cuja súpula é, exatamente, o livro de Afonso Celso, que foi presidente do Instituto”¹⁶. O Instituto tinha a tarefa de construir a imagem brasileira e oferecer um passado glorioso com um futuro promissor, legitimando o poder do Estado. Como Instituto Geográfico, tinha o dever de reconhecer a geografia do país e engrandecer a natureza brasileira, definindo suas fronteiras. Como Instituto Histórico, tinha a responsabilidade de imortalizar os grandes homens e seus feitos memoráveis. A história produzida no Instituto era tradicionalmente aceita pelo Estado, o que não impedia que fossem exercidas outras versões da história.

É a partir desse conjunto de referências que Afonso Celso escreve *Por que me ufano de meu país*. Tida como ingênua por muitos, vituperada na

¹⁵ CHAUI, 2000, p. 48.

¹⁶ Id., *ibid.*, p. 50.

crítica dos modernistas ao “porqueufanismo”, o livro do Visconde Ouro Preto é o pressuposto tácito de tudo quanto se fez em matéria de civismo neste país, particularmente nas obras escolares de um Bilac ou de um Coelho Netto, ou na história do Brasil para crianças de um Viriato Correia.¹⁷

Afonso Celso iniciou a obra declarando que seu principal ensinamento seria o patriotismo e apresentaria vários motivos para a superioridade brasileira, divididos entre natureza, povo e história. O autor discutiu essa superioridade do país, desde seu vasto território, suas riquezas minerais, belezas naturais, até seu povo, uma mistura de três raças que unidas formaram uma nova nação. Para Afonso Celso, o Brasil preenchia os requisitos positivistas da nacionalidade, concretizando-se como nação de direito e de fato. Ele fala do clima, da fauna, da organização social do trabalho, “Em resumo, o brasileiro pode confiar na Natureza, pois ela não o trai, não surpreende nem o amedronta, não o maltrata nem o aflige. ‘Dá-lhe tudo quanto pode dar, mostrando-se-lhe sempre magnânima, meiga, amiga, maternal!’”¹⁸. Para o Visconde, o Brasil era superior em tudo; o mito da fusão das três raças foi criado para responder a uma exigência positivista de que uma nação tinha que ser formada por um aglomerado humano com unidade racial. Afonso Celso sustentou sua tese de superioridade, alegando que o Brasil não tinha do que se envergonhar, nunca sofrera derrotas em batalhas e guerras, não teve fatos extraordinários mas também não teve os vergonhosos. Não mencionou nem uma vez a situação da escravidão no Brasil e o episódio de Canudos¹⁹. Mas celebrou feitos dos portugueses, jesuítas e outros.

Todavia, ainda que Afonso Celso se inspire nos modelos antigos, o ufanismo despertado pelas missões jesuítas, pelas Entradas e Bandeiras e pelos militares não se explica simplesmente como um recurso literário. Ele corresponde à exigência do “princípio da nacionalidade”, que define a nação não somente por seu território presente, mas por sua capacidade de expansão, conquista e unificação de territórios novos. Mais uma vez, portanto, o livro assegura que o Brasil é uma nação.²⁰

Essa obra foi uma resposta às necessidades políticas desse período, mas sua mensagem nunca deixou de ser utilizada no discurso

¹⁷ Id., *ibid.*, p. 51.

¹⁸ Id., *ibid.*, p. 52.

¹⁹ LEITE, 1983.

²⁰ CHAUÍ, *op. cit.*, p. 54.

de intelectuais e políticos, e durante décadas ficou presente no ensino de história.

O ufanismo representado por Afonso Celso— juntando às qualidades da terra os valores das três raças originárias— operava, assim, a paz dos espíritos, prometendo dias melhores no futuro, já que a natureza dava fundamento a tais esperanças. O ufanismo em suas formas de ver e interpretar a nação detou raízes na cultura brasileira e se fez presente em inúmeras construções simbólicas que pretenderam marcar a identidade nacional.²¹

Após esta breve análise de *Por que me ufano de meu país*, poderíamos nos perguntar: mas o que ela tem a ver com *Raízes do Brasil*, a obra inaugural de Sérgio Buarque de Holanda? Sérgio Buarque cresceu imerso nessa atmosfera nacionalista. A raça e a cultura brasileira eram os principais alvos de discussão entre intelectuais e os temas centrais das inúmeras obras literárias publicadas nessas primeiras décadas do século XX. Segundo Francisco de Assis Barbosa, o jovem Sérgio Buarque desde cedo enclausurava-se nas bibliotecas e assim teve acesso aos clássicos da história do Brasil. Desta forma, compreendemos que *Raízes do Brasil* é fruto de toda esta discussão sobre raça, nacionalismo e cultura, entre os anos de 1900-1930, herdeira do romantismo e do cientificismo do século XIX. É a essas teorias científicas que a obra de Sérgio Buarque se opôs.

Em *Por que me ufano de meu país* Afonso Celso estabeleceu onze motivos da superioridade brasileira. No capítulo 22, intitulado “Sétimo motivo da superioridade do Brasil: nobres predicados do caráter nacional”, o autor apresentou algumas características psicológicas do caráter do brasileiro:

1º Sentimento de independência, levado até a indisciplina. 2º **Hospitalidade**. No interior, raro se encontram hospedarias. Quem chega é acolhido, com afabilidade e **lhaneza**, na primeira casa que bata. (...) 5º Doçura, longanimidade, desinteresse.(...) Aces**si**bilidade que degenera, às vezes, em imitação do estrangeiro.²²

A obra *Raízes do Brasil*, publicada em 1936, mais de trinta anos depois de *Por que me ufano de meu país*, tornou-se famosa por apresentar o conceito de *homem cordial*. No capítulo intitulado conforme o conceito, Sérgio Buarque disse: “A **lhaneza** no trato, a **hospitalidade**,

²¹ OLIVEIRA, 1998, p. 187-188.

²² CELSO, s. d., 85-86.

a generosidade, **virtudes tão gabadas** por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro”²³. Claro que, nesse trecho, Sérgio Buarque não partiu do mesmo pressuposto de Afonso Celso, pois este queria ressaltar a superioridade brasileira, enquanto o autor de *Raízes* teceu severa crítica ao sistema “cordial” das relações brasileiras. Na verdade, fez incisiva crítica à tradição ufanista, afirmou que em nada estas “boas maneiras” têm a ver com civilidade “São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante”²⁴. Assim, Sérgio Buarque partiu das características tradicionalmente aceitas de homem brasileiro para afirmar que estas eram uma espécie de imitação da polidez, mas que estavam longe disso. Em seu discurso, Sérgio Buarque se contrapôs às idéias de **lhaneza, hospitalidade e doçura**. Contra a idéia de doçura do caráter brasileiro, Buarque de Holanda apresentou seu conceito de “homem cordial”. Este termo, sabemos, não foi escolhido aleatoriamente, mas por seu significado mais profundo, do latim cordial – *cor, cordis* – coração, que significa relativo ao coração, afetuoso. Essa característica de afetuosidade, que poderia ser associada à doçura, não foi apresentada por Sérgio Buarque como uma qualidade, mas como um defeito, a causa principal dos problemas na nação. Para ele, as relações cordiais são inaptas ao sistema político democrático, pois são personalistas e se convertem-se em “benevolência democrática (...) comparável nisto à polidez”, o que resulta em um comportamento social orientado pelo “equilíbrio dos egoísmos”²⁵.

Fazemos agora um avanço cronológico. Na citação acima, vemos que Sérgio Buarque se aproximou de Oliveira Vianna em sua obra *Pequenos estudos de psicologia social*, publicada em 1921. Anos mais tarde, encontraríamos severa crítica de Sérgio Buarque a Oliveira Vianna por sua obra *Instituições políticas brasileiras*, publicada nos anos de 1940. Mas nos deteremos nas idéias de 20 e 30.

Oliveira Vianna, nesse seu pequeno livro, de 1921, sobre o caráter brasileiro, afirmou: “um grande cidadão, com valor e os deveres de uma figura representativa, somente se dirige ao país quando ambiciona para si um posto qualquer no governo”²⁶. Quanto a isso, Sérgio Buarque, em 1936, disse: “No trabalho não buscamos senão a própria satisfação, ele tem o seu fim em nós mesmos e não na obra”;

²³ HOLANDA, 1979, p. 106.

²⁴ Id., *ibid.*, p.106.

²⁵ Id., *ibid.*, p. 106.

²⁶ VIANNA, 1921, p. 57.

citando Burmeister, também afirmou: “ninguém aqui procura seguir o curso natural da carreira iniciada, mas cada qual almeja alcançar aos saltos os altos postos e cargos rendosos”²⁷. Nesses trechos citados, vemos que ambos os teóricos referem-se ao personalismo de nossa política, que acabou por gerar, nas palavras de Sérgio Buarque, uma plutocracia, ou seja, um governo dos ricos.

Retornamos, então, à primeira década do século XX. Em 1901, o Brasil recebeu outra marcante publicação: *Festas e tradições populares do Brasil*, de Moraes Filho. Nesse mesmo ano, Cristóvão Buarque de Holanda, pai de Sérgio Buarque de Holanda, casou-se com dona Heloísa Gonçalves Moreira. Ele era pernambucano e havia migrado a São Paulo para trabalhar no Serviço Sanitário do Estado, pois desde o final do século XIX a cidade passava por uma grande campanha de sanitização.

Alexandre José Moraes Filho, médico e escritor, viveu entre 1844 e 1919, e produziu uma obra de retrato das diversas culturas populares brasileiras, *Festas e tradições*, obra posteriormente citada em *Raízes do Brasil*. Apesar de retratar somente as festas populares nas capitais, e criticado por isso por Sílvio Romero, sua obra intenta “criar uma íntima ligação entre as diferentes manifestações culturais populares e a exaltação de ‘nossa nacionalidade’, entendida não através do indígena idealizado, mas fundamentalmente pela mistura de brancos e negros”²⁸. Crítico das concepções cientificistas preconceituosas em relação ao africano, negro ou mestiço, Moraes Filho reelaborou o mito das três raças, a partir da concepção de Brasil formado pela união do branco e do negro e do resultado dessa mistura, o mulato. Moraes Filho analisou as festas populares inseridas na cultura de cada região. Essas festas tinham características de seus formadores, ou seja, o europeu e o africano, sendo excluído dessa influência o indígena. Nessa formulação, o autor propôs a unificação nacional em termos étnicos e culturais do povo brasileiro, através das festividades culturais típicas de cada região, que para ele possuíam uma certa “identidade comum”. Apesar dos exageros, segundo Martha Abreu, Moraes Filho não estava equivocado em constituir uma idéia de tradição nacional e aproximação entre os diversos costumes festivos nacionais.

É claro que a posição de Moraes Filho naquela época não era dominante. Pelo contrário, existiam outros caminhos de relacionamento com as festas populares. Ao longo do século XIX são inúmeros os exemplos de autoridades municipais e religiosas que procuravam cerceá

²⁷ HOLANDA, 1973, p.114-115.

²⁸ ABREU, 1996, p. 173.

las, tentando inviabilizar, para o futuro, qualquer possibilidade de um dia as danças e tradições populares virem a ser os símbolos da nacionalidade.²⁹

A primeira publicação dessa obra ocorreu em 1888, mas tem nova publicação com pequenas alterações em 1901, o que demonstra a grande preocupação do país, governo e intelectuais, nesse período, com a construção de uma imagem coesa do Brasil como nação e do despertar de uma consciência nacional.

Quanto a essa brasilidade apresentada por Moraes filho, fruto da mistura entre brancos e negros, disse Sérgio Buarque: “Nem o contato e a mistura com raças indígenas ou adventícias fizeram-nos tão diferentes dos nossos avós de além-mar como às vezes gostaríamos de sê-lo”³⁰; e concluiu: “Podemos dizer que de lá nos veio a forma atual de nossa cultura; o resto foi matéria que se sujeitou mal ou bem a essa forma”³¹. Novamente Sérgio Buarque se contrapôs à tradição e afirmou que nossa cultura e instituições são heranças ibéricas, o restante são adaptações à estrutura vigente. Moraes Filho, ao retratar as festas populares com ritos africanos, elegeram-as como a expressão da cultura tipicamente brasileira, enquanto Sérgio Buarque, partindo do mesmo pressuposto cultural, negou uma cultura afro-brasileira e afirmou sermos herdeiros das tradições ibéricas.

No final de 1902, o Brasil recebeu outra obra que marcou a historiografia nacional: *Os sertões*, de Euclides da Cunha. Essa foi a primeira obra “em nossa história intelectual, que versa um fato contemporâneo com vigor interpretativo da ciência, procurando referi-lo às condições que o produziram”³². Nascido em 1866, Euclides da Cunha era filho de uma geração herdeira das teorias deterministas. Assim, “Inspirado no determinismo mais rígido, em moda ao seu tempo, Euclides procura mostrar que os sertanejos de Canudos não eram culpados como criminosos, mas que foram produto inevitável de um conjunto de fatores geográficos, raciais e históricos”³³. Essa obra abriu uma nova fase nos estudos brasileiros, como nos diz Alfredo Bosi, pois apresenta uma descrição minuciosa da terra, do homem e da luta, desvendando, assim, o contraste cultural que marca o Brasil, além de trazer em seu interior uma discussão sobre tempo, o que foi uma

²⁹ Id., *ibid.*, p. 186.

³⁰ HOLANDA, 1979, p. 11.

³¹ Id., *ibid.*, p.11.

³² CÂNDIDO; CASTELLO, 1978, p. 260.

³³ Id., *ibid.*, p. 260.

inovação para a época.³⁴

Euclides da Cunha, no prefácio dessa obra, apresentou o cerne de sua preocupação, a identidade nacional, e suas palavras preliminares nos reportarão anos mais tarde a *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda. Apesar de essas obras partirem de pressupostos diferentes, pois Euclides da Cunha, como já foi dito, é determinista, e Sérgio Buarque de Holanda viu o problema da nacionalidade a partir da cultura, ambos iniciaram suas obras com afirmações semelhantes: Euclides da Cunha disse: “filhos do mesmo solo, porque, etnologicamente indefinidos, sem tradições nacionais uniformes, vivendo parasitariamente à beira do Atlântico dos princípios civilizadores elaborados na Europa, e armados pela indústria alemã – tivemos na ação um papel singular de mercenários inconscientes”³⁵. Nessa frase de Euclides da Cunha, podemos ver três pontos importantes que nos reportam a Buarque de Holanda: primeiro, “filhos do mesmo solo”, admitindo a nacionalidade brasileira “sem tradições nacionais uniformes”, mas considerando a ausência de cultura própria, afirmou que, “vivendo parasitariamente à beira do Atlântico dos princípios civilizadores elaborados na Europa”, vivemos de forma acomodada como usurpadores da cultura européia. Anos mais tarde, Sérgio Buarque de Holanda disse na primeira página no capítulo I de *Raízes do Brasil*: “Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas idéias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra”.³⁶ Nessa afirmação podemos observar idéia semelhante à de Euclides da Cunha, quando Buarque de Holanda diz termos trazido de fora nossas tradições, ou seja, não temos cultura própria. Somos, assim, parasitas da cultura alheia, vivendo como “desterrados em nossa terra”.

Essa pequena análise mostra como o caráter nacional era um problema para a intelectualidade, que não se extinguiu após a Primeira Guerra Mundial – pelo contrário, é essa crise de identidade que instigou o surgimento de um movimento de vanguarda, os modernos, que chegaram a propor uma devoração da cultura européia, ou seja, uma redefinição da nossa cultura³⁷. “Identificado com as vanguardas, que se sucedem na voragem do tempo, durante o instante efêmero das novidades e descobertas, o Modernismo, ainda compreendido como

³⁴ BOSI, 1983, p. 348.

³⁵ CUNHA, 2003, p. 9.

³⁶ HOLANDA, 1973, p. 3.

³⁷ CÂNDIDO, 2000.

movimento internacional, mergulha raízes na insatisfação geral perante o estado do mundo que as ciências descortinavam em meados do século XIX”.³⁸

Foram tempos de fortes discussões sobre raça, cultura e nacionalidade. Inúmeras obras históricas e literárias surgiram nos primeiros anos da República Velha, com o intento de resolver o problema nacional: a Identidade. “Os intelectuais, é claro, tinham sua maneira de explicar o que estavam tentando fazer”.³⁹

Em meio a essas discussões, o jovem Sérgio Buarque de Holanda cresceu. O Brasil lutava para adequar-se às novas bases. Buarque Holanda foi de uma geração que, mesmo presa em muito pelo tradicionalismo, ansiava pela transformação. As guerras do século XIX, e principalmente a Primeira Grande Guerra (1914-1919), abalaram consubstancialmente as estruturas políticas, econômicas e sociais do mundo. Segundo Eric Hobsbawm, todas as áreas de pensamento foram atingidas com o novo século que surgia após o fim da guerra⁴⁰. A literatura, segundo Pedro Calmon, vinha sofrendo renovações desde meados do século XIX, com o fim da guerra franco-prussiana e com a anexação da Alsácia-Lorena pela Alemanha, fato que abalou a hegemonia da cultura francesa no Brasil.⁴¹

A Guerra do Paraguai⁴² foi outro fator muito importante para essa transformação do campo das idéias e, principalmente, para a homogeneização da cultura brasileira. A guerra atuou nas estruturas mentais como fortalecedora da idéia de Brasil, pois no campo de batalha participaram pessoas de todas as regiões, de Norte a Sul, que antes nem conheciam suas diferenças ou "igualdades". Nessas condições, houve uma maior integração da nação, as idéias e os sentimentos próprios de uma determinada província interagiam com as de outra localidade e as relações de acampamento prolongaram-se após a guerra. Houve uma vasta comunicação entre diversas regiões do país antes separadas pela distância geográfica e que naquele momento foram ligadas pela guerra. Essa aproximação cultural forneceu subsídios para o desenvolvimento de novas idéias, um dos motivos do desencadeamento do "movimento republicano".

No Brasil, a literatura do século XIX modificou-se e voltou-se para o trato da natureza, “pois a tradição nativista se liga, então, ao novo

³⁸ MOISÉS, 2001, p. 12.

³⁹ COSTA, 1979.

⁴⁰ HOBBSAWM, 1995.

⁴¹ CALMON, 1963, p. 2386.

⁴² FERRER, 2004.

sentimento de orgulho nacional, que prenuncia o patriotismo⁴³. Na visão romântica, de acordo com Antônio Cândido, era necessário que os brasileiros, para fundarem sua própria teoria literária, se concentrassem na descrição da sua natureza e costumes, realçassem o índio, o habitante primitivo, enfim, tudo que fosse da terra. O Romantismo no Brasil confundiu-se com o sentimento patriótico que nascia juntamente com a busca da identidade nacional. A afirmação nacional, a cara do país, foi moldada e marcada na literatura do século XIX. Nesse período, os literatos buscaram incessantemente reconstruir as origens enraizadas no passado para ligar seu presente numa espécie de descendência mítica, como forma de legitimar sua existência e autonomia. A discussão que parecia clara com as teorias do mito das três raças e o indianismo literário foi retomada com a proclamação da República e principalmente com a desestruturação do mundo após a Primeira Guerra.

Apesar de posteriormente o movimento modernista brasileiro tentar deixar transparecer uma certa ruptura com o Romantismo, “conquanto repelisse a sentimentalidade reinante na literatura oitocentista, o moderno não disfarçava os nexos secretos com o Romantismo⁴⁴, pois encontraremos no meio dos modernos algo peculiar aos românticos, um certo nacionalismo, muitas vezes realista e outras romântico.

Como vimos, Sérgio Buarque de Holanda foi homem de seu tempo, dialogou com a tradição histórica existente, ora se contrapôs, ora se aproximou. As idéias não se extinguem de um momento para o outro, mas são reelaboradas, permanecendo apenas seu cerne mais íntimo, o combustível que as mantém vivas. Assim, *Raízes do Brasil* foi resposta às discussões referentes ao caráter brasileiro, sua cultura e política.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Martha. Mello Moraes Filho: festas, tradições populares e identidade nacional. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo (org). *A história contada*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1996.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1983.

CALMON, Pedro. *História do Brasil*. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 7.

CÂNDIDO, Antônio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira: II – Romantismo, Realismo, Parnasianismo, Simbolismo*. 7. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 1978.

_____. *O Romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas USP, 2002.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8. ed. São Paulo:

⁴³ CÂNDIDO, 2002, p.17.

⁴⁴ MOISÉS, 2001, v. 3, p. 12.

T. A. Queiroz, 2000.

CELSO, Affonso. *Por que me ufano de meu país*. 7 ed. Rio de Janeiro: Garnier, s/d.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

CUNHA, Euclides. *Os sertões*. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Política e sociedade na obra de Sérgio Buarque de Holanda. In: CANDIDO, Antônio (org). *Sérgio Buarque Holanda e o Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

FERRER, Francisca Carla. *O recrutamento militar na Guerra do Paraguai*. Porto Alegre, 2004. Dissertação [Mestrado] – PUCRS.

HOBBSAWM, Eric. *1917: a era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

LAUERHASS JR., Ludwig. *Getúlio Vargas e o triunfo do nacionalismo brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da USP, 1986.

LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. 4. ed. São Paulo: Pioneira, 1983.

MOISÉS, Massaud. *História da literatura*. 5 ed. São Paulo, 2001. v. 3: Modernismo (1922 – Atualidade).

OLIVEIRA, Lucia Lippi. A questão nacional na República. In: LORENZO, Helena C. de. *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1998.

TORRES, Andréa Sanhudo. *Imprensa: política e cidadania*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

VELOZO, Mariza; MADEIRA, Angélica. *Leituras brasileiras*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

VIANNA, Oliveira. *Pequenos estudos de psicologia social*. São Paulo: Ed. Revista do Brasil, 1921.